

» Corpos femininos: Horizontes aniquilados

→
Les Vivants, 2010 (arriba)
Les Morts, 2010 (abajo)
Christian Boltanski
*French Pavilion, Venice
Biennial, 2011*
Courtesy: Christian Boltanski
Studio and Marian Goodman
Gallery
©Christian Boltanski, Licensed
by ADAGP
Photo credit: Didier Plowy

De cabeça baixa, olhos marejados, respiração entrecortada. Foi assim que ela chegou ao meu consultório pela primeira vez. Contou-me estar preocupada com o filho, que ia mal na escola, e atribuía o fato aos frequentes desentendimentos entre o marido e ela.

Procurara análise para aprender a lidar melhor com os comportamentos dele e evitar que o menino fosse prejudicado. Falou sobre a labilidade de humor e da necessidade de controle por parte do marido. Entendia que esse era seu jeito de ser, consequência do modo como ele fora educado pelos pais, que atendiam sempre a seus desejos: “era uma boa pessoa quando estava calmo, mas não podia ser contrariado”. De vez em quando, olhava para mim, mas logo abaixava a cabeça em direção às mãos, que mantinha unidas sobre as pernas. Perguntei-lhe se pintava. Ela fitou-me surpresa, como se eu tivesse adivinhado ou já soubesse de algo. Expliquei que havia resquícios de tinta em suas mãos. Ela as recolheu rapidamente como se quisesse es-

condê-las. Depois de algum tempo, contou que era artista plástica e que isso incomodava muito o marido. Pensara, em muitos momentos, que o melhor seria desistir da profissão, mas a pintura fazia parte da sua vida desde menina e talvez não pudesse viver sem ela. Depreendi dessa e das sessões seguintes que teríamos um longo caminho até que ela conseguisse apropriar-se de si mesma e da sua história. Infelizmente não houve tempo para completarmos esse percurso. Ela foi morta, alvejada a tiros pelo marido, que não chegou a cumprir pena a despeito de todas as provas.

Casos como esse nos deixam estarecidos e se repetem todos os dias em todo o mundo. No Brasil, neste início de ano, a média do número de mulheres assassinadas por questões de gênero era de quatro a cada 24 horas, situação que vem se agravando com a pandemia decorrente da Covid-19. O distanciamento social imposto pelas medidas sanitárias promoveu a aproximação física daqueles que dividem o mesmo espaço, e a convivência antes

* Sociedade Psicanalítica de Fortaleza.



resguardada pela escola e pelo trabalho se tornou problemática ou mesmo perigosa. Em uma cultura patriarcal, estruturalmente machista e autoritária, como é a brasileira, a mulher tem sido alvo constante de agressão, violência e assassinato.

Poderíamos nos referir a esses episódios como exemplos de feminicídio, mas talvez seja preciso questionar seu significado, como refere Rodrigues (2019):

A rigor, eu poderia mesmo pensar que feminicídio não é um significante que designa homicídio de mulheres – isto poderia ser chamado de mulhericídio –, mas que feminicídio é um significante que precisa ser pensado como designação de morte, negação e aniquilamento do elemento feminino, esteja o feminino onde estiver. (p. 153)

Nesse sentido, falamos de misoginia, que trata, em sua essência, de uma invenção, de uma construção cultural que vem se arrastando ao longo dos séculos.

Segundo Holland (2010), as origens da misoginia remontam ao século VIII a. C., quando surgiram as histórias da criação da humanidade na Grécia e na Judeia, que apontavam a mulher como responsável pelo sofrimento, a infelicidade e a morte (pp. 442-443).

Lembremos a história de Apolônia e Hipácia. Adepta do cristianismo, Apolônia viveu em Alexandria, no Egito, no século III d. C. A cidade se encontrava sob o domínio do Império Romano, tendo como autoridade máxima o imperador Décio, um dos mais cruéis perseguidores dos cristãos. Por professar sua fé, Apolônia foi perseguida, capturada e obrigada pelas forças imperiais a renunciar à fé cristã e prestar culto aos deuses romanos. Como ela se negou a obedecer às determinações do imperador teve os dentes arrancados com pedras afiadas e a face quebrada por pancadas. Por resistir à tortura, foi queimada viva em praça pública.

Dois séculos depois, Alexandria já era um importante centro científico e cultural

e se destacava pelos estudos avançados nas diversas áreas do conhecimento, que tinham os manuscritos compilados em sua excepcional biblioteca. Hipácia ensinava geometria, astronomia, filosofia e matemática na Academia de Alexandria, dedicando-se especialmente ao processo de demonstração lógica. Mas, naquela época, o cristianismo avançava e se apoderava dos centros importantes então existentes. O saber era relacionado ao paganismo, que tinha alicerces na ciência e nas tradições de liberdade de pensamento. O arcebispo Cirilo – que havia tomado para si a tarefa de destruir todos os pagãos, assim como seus monumentos e escritos – não escondia seu ódio por Hipácia e a incluiu na lista dos que deviam ser eliminados. Uma turba de cristãos enfurecidos, incitados e comandados pelo arcebispo, arrastou-a para dentro de uma igreja, torturando-a até a morte. Seu corpo foi esquartejado e queimado. Pouco tempo depois, destruíram a grande Biblioteca de Alexandria. A cidade deixou de ser o centro de ensino das ciências do mundo antigo e os pesquisadores se dispersaram pela Índia e pela Pérsia. Com a expansão do cristianismo, o Ocidente mergulhou no obscurantismo da Idade Média. O arcebispo Cirilo foi canonizado pela Igreja Católica em 1882.

O fato de Hipácia ser mulher, cientista e defensora da liberdade de pensamento era intolerável ao arcebispo e aos cristãos fanáticos, assim como a afirmação da minha paciente como artista plástica era intolerável ao marido.

Apolônia, por sua vez, não se dobrou aos ditames do imperador para que abandonasse seus princípios e caminhou para a morte em um ato suicida.

A respeito do suicídio, Kristeva (2019) chama a atenção para o fato de que há mulheres que se matam por não terem outra maneira de lutar:

Do ponto de vista psicanalítico, elas são objeto de uma pulsão de morte, elas não existem como indivíduo, elas não têm alternativa além de

redirecionar essa pulsão de morte a elas mesmas para chamar a atenção sobre os verdugos, para que eles sejam condenados. (p. 173)

Se há mulheres que se rebelam contra a opressão machista e autoritária, existem aquelas que suportam situações abusivas por muitos anos, com intenso sofrimento psíquico, autodepreciadas e conformadas em viver aquém de suas expectativas, pois não acreditam na real possibilidade de romper a condição de submissão imposta pela violência (Moterani e Carvalho, 2016). Talvez porque esse rompimento implique entrar em contato com a dolorosa consciência da introjeção dos padrões de conduta impostos pela sociedade, além de ter de optar por um ato de rebeldia, cujas consequências são antecipadas e temidas.

Essas histórias antigas e recentes têm em comum a impossibilidade, imposta às mulheres, de apropriação de sua singularidade e de se firmarem como sujeitos da própria vida. Muitas vezes, elas são mortas antes que isso aconteça. Poderíamos dizer que as mulheres vítimas de misoginia vivem uma miséria subjetiva (Moterani e Carvalho, 2016), emaranhadas em uma tessitura dissonante, da qual não conseguem se libertar.

Voltando ao caso de minha paciente, algum tempo depois de seu assassinato, deparei-me com um quadro dela em uma exposição de artistas plásticos. Na tela, em primeiro plano, a figura de uma mulher de cabeça baixa, com um chapéu de grandes abas que lhe cobria o rosto, e as mãos escondidas em meio a um molho de flores coloridas. Talvez um autorretrato. Ao fundo, um céu azul-anil delineado por um campo florido parecia traçar o desejo de horizonte.

REFERÊNCIAS

- Holland, J. (2010). *Una breve historia de la misoginia: El prejuicio más antiguo del mundo*. México: Océano.
- Kristeva, J. (2019). Cada sessão é uma poética, cada pessoa é uma poesia. *Calibán*, 17(1), 162-178.
- Moterani, F. M. C., e Carvalho, G. M. B. (2016). Misoginia: A violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. *Avesso do Avesso*, 14(14), 167-178.
- Rodrigues, C. (2019). Misoginia, feminicídio, racismo, punitivismo: Alguns significantes da violência contra as mulheres. *Calibán*, 17(2), 150-155.